



# APLICATIVOS DE ENCONTROS HOMOERÓTICOS E MASCULINIDADES NORMATIVAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

José Gomes de Oliveira Neto <sup>1</sup>  
Daniel Coelho Silva Brandão <sup>2</sup>  
Jorge Lyra <sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo surge no contexto do processo de construção das dissertações de mestrado em Psicologia e tem como objetivo refletir acerca das produções científicas sobre as exigências normativas das masculinidades nas práticas sexuais entre homens, através de aplicativos de encontros homoeróticos. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática de literatura em banco de dados de produções científicas nacionais (Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Scielo e no PePSIC), sendo identificadas e analisadas 8 produções entre dissertações e artigos, após a “limpeza” dos dados pelos critérios utilizados, que tinham como temática as práticas homoeróticas negociadas por aplicativos de encontro erótico entre homens. A análise e discussão dos resultados foi construída a partir da reflexão da concepção de heteronormatividade nos aplicativos de encontros homoeróticos entre homens, a construção de um perfil masculino hegemônico e as tensões/conflitos na performatividade deste perfil. Por fim, oferecemos uma visão ampliada e contemporânea dos estudos, propondo um olhar crítico sobre o cenário e indicando futuras investigações.

**Palavras-chave:** Homoerotismo, Masculinidades, Grindr, Scruff.

## INTRODUÇÃO

Este artigo surge em paralelo e também como consequência do processo de construção das dissertações e que, neste momento, se tornou parte necessária no processo. De modo que as mobilizações para esta pesquisa surgem como um subproduto do fazer científico em torno das práticas sexuais entre homens.

Considerando a atual conjuntura político-social e a luta por direitos dos movimentos sociais, essa temática ocupa lugar inquestionável no debate acadêmico e político para refletir

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, integrante do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), Docente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Serra Talhada – FACISST/AESET, [neto.oliveiraa@hotmail.com](mailto:neto.oliveiraa@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, integrante do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), [dancsbrandao@gmail.com](mailto:dancsbrandao@gmail.com);

<sup>3</sup> Docente dos cursos de graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, coordenador do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), [jorglyra@gmail.com](mailto:jorglyra@gmail.com);



e apreender as masculinidades transviadas da norma e suas vulnerabilidades, bem como construir saberes a partir da reflexão sobre os feminismos e teorias *queer*.

A construção do trabalho se apoia em compreensões teóricas a partir da discussão sobre o sistema sexo/gênero, para discutir as masculinidades e as práticas sexuais como construções sociais que são reguladas por normas e exigências que tendem a apontar o modelo heterossexual como norte, ou seja, a heteronormatividade (BUTLER, 2013).

Segundo Guimarães (2016), o imbricamento de tais epistemologias possibilitaria o seguinte questionamento: O modo como construímos políticas identitárias e práticas discursivas tem legitimado ou combatido lógicas opressivas e seus mecanismos de exclusão? Sendo assim, nos cabe considerar corpos, identidades e práticas para além do pressuposto hegemônico esperado homem/mulher, masculino/feminino, homossexuais/heterossexuais.

A partir dessas mobilizações e questionamentos, temos como objetivo geral: refletir acerca das produções científicas sobre as exigências normativas das masculinidades nas práticas sexuais entre homens, através de aplicativos de encontros homoeróticos.

Para tanto, foi desenvolvida uma revisão sistemática de produções científicas entre os anos de 2010 e 2019, nas plataformas de buscas online do Scielo, Pepsic e catálogo de teses (doutorado) e dissertações (mestrado) da Capes. De modo que foram analisados 8 textos tendo como foco o estudo em torno dos objetivos secundários, que seria a reflexão sobre a compreensão da heteronormatividade nessas produções, as problematizações em torno dos perfis hegemônicos de homem e as tensões/conflitos nas performatividades hegemônicas de masculinidade.

Diante disso, foi possível tecer um debate que privilegiasse pensar sobre os segmentos identitários e culturais perpassados nas relações entre homens através de aplicativos (*apps*) e encontros homoeróticos, passando pela forma como se apresentam nos perfis dos *apps* até uma reflexão sobre suas práticas e conflitos.

## **METODOLOGIA**

Com a intenção de melhor embasar a reflexão a ser construída com este estudo, bem como situar e compreender nosso objeto de pesquisa buscamos nos aproximar de produções científicas e referenciais teóricos acerca do mesmo, através de uma revisão sistemática de literatura, como já apresentado. Compreendendo as diversas nuances que esta pesquisa pode dispor, esta estratégia metodológica se justifica por facilitar a compreensão e aproximação

com o tema, possibilitando a percepção de questões e lacunas importantes a serem problematizadas e focadas, conforme Carvalho (2014) e Fontelles et al. (2009).

Tomando como base a revisão de Medrado et al. (2011), adotamos as orientações seguintes:

- **Período:** Nossa pesquisa partiu de um recorte temporal de 2010 a 2019, considerando que a criação do *Grindr* ocorreu em 2009, segundo Miskolci (2015).
- **Idioma:** Considerando que para este estudo a territorialidade é algo pertinente do ponto de vista teórico e metodológico, este levantamento se dedicou a selecionar textos publicados em língua portuguesa.

**Fontes:** Buscando uma pluralidade de publicações, foram usadas bases de dados diversas, conforme a seguir: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) – teses e dissertações; SciELO (Scientific Electronic Library Online) – artigos científicos; PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) - artigos científicos.

A seleção para o uso de descritores foi pensada mediante o processo de familiarização com a busca de produções relativas a pesquisas que discutem práticas sexuais entre homens negociadas por *apps* de encontros eróticos, de modo que entendemos que a heteronormatividade irá se expressar a partir das possibilidades de interação que o aplicativo dispõe. Apesar desses *apps* apresentarem uma série de características comuns, optamos por uma refinação e selecionamos o *Grindr* e o *Scruff* por terem um tempo maior no mercado.

Procurando estratégias para as buscas, utilizamos uma variedade de descritores, palavras-chave e “palavras soltas”, e por fim optamos por padronizar nossas buscas utilizando a combinação entre “homoerotismo”, “grindr” e “scruff”, nas fontes. Compreendemos que “homoerotismo” seria representativo do que estamos concebendo como práticas sexuais e “grindr” e “scruff” estão associados a aplicativos de encontros eróticos para homens, de modo que também delimita materiais que usaram estes *apps* em específico como ferramenta da pesquisa.

O processo de “limpeza” contou com critérios de leitura dos resumos, bem como idioma e período como já mencionado anteriormente, excluindo trabalhos que se repetem. Em um segundo momento identificar os objetivos das pesquisas selecionadas e por fim refletir sobre: como discutem e compreendem heteronormatividade nessas produções, as problematizações em torno dos perfis hegemônicos de homem e as tensões/conflitos nas performatividades hegemônicas de masculinidade.

Para alicerçar o viés teórico, torna-se relevante discutir a dicotomia sexo/gênero a partir da proposta de Butler (2013), em que nessa trama critica a ideia do corpo (natureza) como anterior à marca do gênero (cultura), em que o primeiro não se configura como um dado natural, mas uma “superfície politicamente regulada”. Desta forma, a autora aponta que a suposta continuidade e coerência entre sexo e gênero seria concebida senão por normas existentes que regulam e traçam essa marcação que se inscreve no próprio corpo. Sendo assim, o gênero será pensado através das performatividades, ou seja, a incorporação de uma rede de significados repetidos, divulgados e ratificados socialmente, implicados na relação com o sexo por uma “contingência radical” (BUTLER, 2013).

Destarte, a performatividade possibilita um apaziguamento na associação entre sexo e gênero, mas, sobretudo, indica que a masculinidade e a feminilidade são noções constituídas por marcadores sociais incorporados no comportamento. Qual seria a implicação desses modelos nas práticas sexuais entre homens?

“[...] a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, que se utiliza de mecanismos sutis e delicados, além de vir e estar em toda parte provém de vários lados e engloba tudo que se faz necessário.” (FOUCAULT, 1994, p. 86).

Por esse prisma, Butler vai definir esses campos de poder como a replicação dos construtos heterossexuais, apontando que “o gay é para o hétero não o que uma cópia é para o original, mas, em vez disso, o que uma cópia é para uma cópia” (BUTLER, 2013, p.57). Deste modo, o que a autora sinaliza é que as características heterossexuais servem como norte/norma de como devem ser e agir os grupos inferiorizados socialmente.

Por esse viés das exigências normativas, torna-se imprescindível apontar a heteronormatividade como a padronização do masculino/ativo e feminino/passivo, sendo assim, o gênero em articulação com a sexualidade, traça o modelo de homens e mulheres, bem a forma que seus corpos devem se comportar e apresentar, e como suas relações sociais devem ser concebidas (BUTLER, 2006).

Portanto, as exigências centradas no modelo hegemônico heterossexual masculino implicariam em “nova economia do desejo”, práticas sexuais sem compromisso e com parceiros que sejam “discretos” (MISKOLCI, 2015).

No que compete a busca por parceiros na contemporaneidade, o avanço da internet e dos espaços virtuais que possibilitam a troca de interação entre pessoas através da

conectividade. Esses espaços de busca por parceiros também acompanham e ganham novas configurações com o advento dos smartphones e seus inúmeros e potenciais aplicativos (*apps*), têm possibilitado maior fluidez, interatividade e redes de sociabilidades. O *Grindr* foi o *app* pioneiro nessa proposta, e seu criador, Joel Simhkai, o idealiza como um manejo frente à seguinte problemática: “como encontro outros gays?” (MISKOLCI, 2015).

Posto isso, os aplicativos de geolocalização <sup>4</sup> que buscam promover encontros sexuais entre homens, surgem como uma estratégia tecnológica frente aos espaços de sociabilidade predominantemente hétero para reconhecer parceiros disponíveis a práticas homoeróticas, burlando sigilosamente as exigências normativas do ser homem. Sendo assim, Miskolci (2013) direciona que a web é vista como um lugar de segurança para os “machos”, em que se pode e busca-se evitar que a prática homoerótica seja exposta a conhecidos, familiares e colegas de trabalho. Logo tal prática sexual ameaçaria o exercício da masculinidade, levando essas pessoas a criarem contornos e estratégias. O uso dos *apps* já seria um exemplo desse manejo, porém não o único, visto que como indica Barreto (2017), as interações visam transcender a web, tornando-se “pegação”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados, a partir das fontes gerou o seguinte quantitativo de produções em idiomas português, entre 2010 e 2019.

**Número de textos por descritores**

<b>Tipo de produção</b>	<b>Homoerotismo</b>	<b>Grindr</b>	<b>Scruff</b>	<b>Homoerotismo + Grindr + Scruff</b>
<b>Dissertações - capes;</b>	62	7	3	69
<b>Teses - Capes;</b>	22	2	2	24
<b>Artigos - scielo;</b>	20	2	0	0
<b>Artigos - pepsic;</b>	2	0	0	0

<sup>4</sup> Caracterizam-se por compreender a lista de contatos disponíveis para troca de mensagens a partir do critério da proximidade territorial, utilizando a tecnologia do sistema de posicionamento global (GPS).

No que se refere ao cruzamento das palavras utilizamos as seguintes estratégias: no catálogo da CAPES foram colocadas todas as palavras, utilizando os termos “homerotismo grind scruff”, sem conectivos e/ou vírgula. No Scielo e na Pepsic, utilizamos o campo “todos os índices” e optamos por buscar todas as palavras juntas utilizando o “and” como oferecido na ferramenta de busca. Posteriormente foram analisados todos os títulos e resumos com o objetivo de excluir os textos que, apesar de terem sido selecionados pela busca das palavras, não contemplava os objetivos deste estudo.

Por fim, foi realizada uma “limpeza” para eliminar possíveis repetições. Também destacamos que duas dissertações e uma tese, apesar de ter sido selecionada por nós após a leitura do seu resumo, não foram encontradas em domínio público, sendo buscada em algumas plataformas de busca como google e google acadêmico, no repositório da universidade de origem, bem como no site da biblioteca que o trabalho haveria sido depositado. De modo que ficamos com o seguinte quantitativo.

<b>Tipos de produção</b>	<b>Quantitativo após “limpeza”</b>
<b>Artigos (Scielo e Pepsic)</b>	2
<b>Dissertações de Mestrado</b>	6
<b>Teses de Doutorado</b>	0
<b>Total</b>	8

Morelli (2017) indica que os *apps* aparecem como estratégia frente a vulnerabilidade das relações não-heterossexuais de modo que possibilita um sentimento de sigilo e segurança para homens que procuram tais práticas. Desta forma, compreendemos que este uso surge como uma resposta a uma sociedade homofóbica e machista que não possibilita a mesma fluidez e naturalidade para os espaços sociabilidade hetero e não-hetero. Porém os *apps* também são “dispositivos tão reguladores e disciplinadores, quanto ao gênero e ao sexo, como o são instituições bem consolidadas como a igreja, a família, a escola, entre outras” (MORELLI, 2017, p. 106).

Mota (2017) aponta que no *Scruff* são demandados dois modelos centrais: a performance hipervirilizada (ainda que não seja) e o rechaço da feminilidade (mesmo que haja). Tal discussão é contemplada por Alencar (2017) e Fragoso (2018) que compreende esse processo como uma forma de expressão de gênero balizada pelo modelo heterossexual dos homens com performance hegemonicamente masculinizada. Medeiros (2018) enfatiza que a

noção de masculinidade para os usuários dos *apps*, transgride a orientação/prática sexual para a expressão de gênero legitimada na noção do macho, expressa na fala de um de seus interlocutores: “gosto de homem, mas sou macho então tá ok” (p 84).

A masculinidade hegemônica seria definida por algumas características como: acúmulo de parceiros e aventuras que traria o sentimento de sentir-se vivo; o pênis e seu tamanho que quanto maior for, mais valor estará agregado ao homem; a vida fitness que molda um corpo definido com músculos, conotando saúde e se distanciamento da imagem do gay com HIV/AIDS; e por fim, a posição sexual a partir da ideia de impenetrabilidade que socialmente é resguardado ao homem (MORELLI, 2017; CARDOSO et al, 2019).

Mota (2017) vai debater que esta supremacia da masculinidade hegemônica/macho aparece como causa e consequência da construção e valorização de uma identidade discreta e sigilosa, aquela que resguarda o sujeito de ser denominado como gay; de modo que, remonta a ideia de sigilo e de ilegalidade da prática sexual entre dois homens, camuflada pela heteronormatividade (ALENCAR, 2017). “A dominação masculina se exercita nos discursos heteronormativos reproduzidos em aplicativos de dispositivos móveis e desperta a misoginia nestas relações cibernéticas.” (FRAGOSO, 2018, p 29). Desta forma a heteronormatividade faria dos usuários opressor/oprimido ao fazer suplência a uma masculinidade hegemônica no campo virtual através de uma violência simbólica (a homofobia) calcada na misógina.

Baydoun (2017) acrescenta que a internalização da ditadura do “macho” (hipermasculinizado) e da efeminofobia<sup>5</sup>, se afirma na concepção de parecer heterossexual como único modelo de masculinidade a ser, desejar e ser desejado. “Assim, os desejos se constituem invisivelmente como excludentes e segregatórios” (BAYDOUN, 2017, p 151). Medeiros (2018) corrobora e dá prosseguimento a estas discussões, como também sinaliza que tais perspectivas apontam quais corpos são dignos ou não, ao desqualificar sexual e afetivamente homens afeminados.

Este debate sobre se distanciar do perfil “gay” também é feito por Fragoso (2018) quando discute o fenômeno *gayfaceless*<sup>6</sup> como uma estratégia para se invisibilizar, de modo que não seja notado em encontro extraconjugal, não seja taxado de promíscuo pelos pares e nem como gay nos espaços sociais. Morelli e Pereira (2018) acrescentam que estas imagens são influenciadas pelo processo de pornificação, que agrega capital erótico (*sex appeal*) ao corpo masculino, o tornando atrativo frente aos outros usuários. Assim, as relações entre

<sup>5</sup> A aversão contra aqueles cujo comportamento é caracterizado pelo efeminamento (BAYDON, 2017, p 68).

<sup>6</sup> Fragoso (2018) conceitua este fenômeno como a apresentação, nos perfis dos *apps* de encontros eróticos, através de imagens do corpo enquanto suplanta o rosto dos usuários.

homens seriam perpassadas por uma supremacia de masculinidades de “machos”, “sarados”, brancos, jovens, ativos e ricos; de modo que se hierarquiza em detrimento do modelo “efeminado”, “magro/gordo”, “negro”, “velho”, “pobre” (ALENCAR, 2017; BAYDOUN, 2017; CARDOSO et al, 2019).

Alencar (2017), Baydoun (2017) e Cardoso et al (2019) ainda chamam a atenção para a intolerância, subalternização e discriminação dos homens afeminados, proveniente da misoginia e do machismo. Que segundo estas pesquisas, nos aplicativos tais elementos estaria travestido de gostos particulares/atração sexual, expresso em expressões como no clichê “nada contra, apenas não curto”. Nesta perspectiva cabe refletir a respeito da atração/desejo sexual ser moldada pela cultura e figuras de privilégio social.

Afirmar-se ativo neste espaço diz para além da posição sexual, fala de um perfil masculino hegemônico heterocentrado, que se populariza ao ser comum encontrar anúncios como “ativo a procura de ativo”, mas nunca “passivo a procura de passivo”, reafirmando não só a heteronormatividade, mas também falocentrismo como um norte nessas práticas (BAYDOUN, 2017).

Uma discussão interessante e nova trazida por Medeiros (2018) dá conta de que as exceções em se relacionar com alguém fora do padrão acontecem por via do desejo (tesão ou excitação), mas que após o sexo culminado haveria uma volta à perspectiva hegemônica, desmerecendo e ignorando quem dela não faz parte. A discussão que nos cabe aqui é se este movimento não demarcaria a zona de conforto social que ser privilegiado traz, ao passo que inviabiliza e pune desejos transgressores a ela, fazendo tão somente, vulnerável.

Medeiros (2018) destaca que as violências e discriminações presentes nos apps, relativa à hierarquização de corpos aprazíveis ou não, refletem na autoestima e subjetividade dos usuários. Mota (2017) apresenta conflitos e estratégias de usuários que não se enquadram no perfil hegemônico de masculinidade (os que atraem o maior número de mensagens), o que mais chama atenção nesses resultados é a necessidade de modificar o perfil para este modelo heteronormativo como forma de conseguir um encontro casual com mais facilidade, balizado pelo desejo.

Se operacionaliza assim uma pedagogia da sexualidade e do corpo construído através das fotos que mostram músculos esculpados, buscando ser viril e másculo, bem como o tom da voz através dos áudios trocados e no uso de gírias e termos que reafirme um padrão “macho” (MOTA, 2017; CARDOSO et al, 2019). “A conexão testosterona-masculinidade hegemônica se mostra também no texto visual do perfil.” (MEDEIROS, 2018, p 85).



“Percebe-se, assim, que o corpo é construído de modo a se adequar aos critérios estéticos, higiênicos e morais pré-estabelecidos” (MOTA, 2017. p 61).

Outro resultado que surgiu nas análises é do descompasso quando o perfil de um determinado segmento não corresponde ao estereótipo que lhe é socialmente atribuído, Mota (2017) e Baydoun (2017) corroboram com a discussão que reflete sobre raça e renda, ao apontar que homens negros que não são ativos ou dotados, bem como aqueles que não têm automóveis ou moram em periferia, são preteridos e pouco requisitados. No que se refere a usuários de territórios nobres/periféricos, Medeiros (2018) considera esse recorte e acrescenta que a tecnologia da geolocalização facilitaria nesse quesito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão importante de ser discutida é a determinação dos usuários dos apps como homens gays, acreditamos que a discussão em torno dos usuários abrange um público bem maior, considerando que práticas homoeróticas não se restringem apenas a homens gays. Tal premissa também se justifica porque na análise dos resultados, ficou claro que há uma predominância e uma cultura das práticas em sulbaternizar a figura e identidade gay, onde os usuários dos aplicativos lutam performaticamente para se distanciar dessa imagem que eles mesmos sulbaternizam. A questão que colocamos é: considerando a orientação sexual a partir da autodeterminação, os usuários desses apps, em sua maioria, se compreendem como homens gays ou homens que se relacionam com outros homens?

Compreendemos também que esta ideia de homem espartano e homem gaysta<sup>7</sup> são construídas a partir de noções machistas, misóginas e homofóbicas, e que a heteronormatividade estaria enredada de forma contingencial. Deste modo, uma questão que nos fica é, em relação a vivência, quais negociações e tensões estão implicadas na performatividade dessa masculinidade hegemônica e hipervirilizada?

Outra questão bem importante de se considerar, e que se relaciona com o questionamento anterior, é sobre as áreas de conhecimento das produções e as metodologias adotadas. Do material selecionado, 4 deles (2 dissertações e 2 artigos) são da Psicologia. E destes, apenas 2 (as dissertações) entrevistaram os usuários de fato. Assim, acreditamos que pesquisas que possam entrevistar os usuários, consigam trazer um debate mais profundo e

---

<sup>7</sup> Homem espartano e homem gaysta são termos cunhados por Barreto (2017) para falar dessa ditadura do macho entre homens com práticas homoeróticas, da contraposição da figura da masculinidade hegemônica e da masculinidade que carrega traços/característica femininas.

consistente a respeito dos conflitos e tensões das performances sobrelevadamente masculinas nos aplicativos de encontros homoeróticos. Como essas vivências seriam afetadas pensando na cultura nordestina? A maioria dos estudos analisados são de Minas Gerais e apenas um deles foi realizado no nordeste, no estado da Bahia (uma dissertação de mestrado em Educação).

Outra mobilização que emerge após a apreciação dos resultados e discussões é: Qual seria o lugar dos corpos transgressores das normas de gênero nos apps de encontros eróticos? Em que medida as práticas desenvolvidas nos aplicativos contribuem para um processo de silenciamento e adestramento desses corpos? Entre ser rechaçado e renunciado, quais as estratégias que se pode desenvolver frente aos desejos? Por fim, tomando em conta o objetivo deste estudo, destacamos que a principal contribuição desta revisão foi possibilitar um panorama atual e crítico sobre as produções na área, indicando questões para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte'**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

BARRETO, V. H. S. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2017.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não sou nem curto afeminados”: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.

BUTLER, J. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

CARDOSO, João Gabriel Maracci et al. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

CARVALHO, Bruno. **“Tá pensando que travesti é bagunça?” Repertórios sobre travestilidade, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

FONTELLAS, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petropolis: Vozes, 1994.

FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. **Gayfaceless: da rostidade homossexual à heteroplastia**'. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. Estudos feministas, privilégio epistêmico e teorias queer: reflexões de um jovem feminista. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 4, p. 295-313, 2016.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR**'. 06/02/2018 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

MEDRADO, B. et al. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades IN: TONELI M. et al. **O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência.** Florianópolis: Mulheres; 2011.

MISKOLCI, Richard. **“Discreto e fora do meio”** – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, 44: 61-90, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Machos e "Brothers"**: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, p. 301-324, 2013.

MORELLI, Fábio Rosa. **NÃO EXISTE AMOR EM APP? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay**'. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2017.

MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 187-203, 2018.

MOTA, Danillo Lima. **Nada contra, apenas não curto: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff'**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.